

Dinâmica social do espaço rural: O **turismo de base comunitária** da rede de agroturismo Acolhida na Colônia

VICENTE DE PAULA CENSI BORGES * [vpborges@ufpi.edu.br]

Resumo | O presente trabalho apresenta uma discussão sobre as transformações do modo de vida no ambiente rural sob o ponto de vista da atividade turística concebida como um sistema aberto e dinâmico, enfatizando os processos de inovação, planejamento e valorização da vida no campo. Para tanto, objetiva-se abordar o caso do projeto de agroturismo 'Acolhida na Colônia' no município de Santa Rosa de Lima em Santa Catarina – Brasil, o qual destaca-se na iniciativa de promover no ambiente rural a revalorização das atividades rurais através da perspectiva do turismo de base comunitária. Para viabilizar a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho caracterizou-se o estudo como exploratório e descritivo, atendendo-se para uma perspectiva qualitativa. Sendo assim, utilizou-se como instrumentos de coletas de dados as pesquisas bibliográficas, documental e estudo de caso, o qual se valeu dos procedimentos técnicos de levantamento através de inquéritos por entrevista semiestruturada e observação assistemática. Após análise, concluiu-se que o ambiente do agroturismo em Santa Rosa de Lima e região permite o desenvolvimento das atividades comerciais do turismo no ambiente rural, mas sem fomentar as implicações habituais do uso intensivo e da exclusão social.

Palavras-chave | Sistema de turismo, Planejamento turístico, Turismo de base comunitária.

Abstract | This paper presents a discussion of the change the way of life in the rural environment from the point of view of tourism conceived as an open and dynamic system, emphasizing innovation processes, planning and valuation of country life. To this end, the objective is to raise the case of the project agritourism 'Accepted in Cologne' in the municipality of Santa Rosa de Lima in Santa Catarina - Brazil, which stands out in the initiative to promote rural environment in the upgrading of rural activities through perspective of community-based tourism. To facilitate the research and development work characterized the study as exploratory and descriptive, paying attention to a qualitative perspective. Therefore, we used as instruments of data collection bibliographical, documentary research and case study, which took advantage of the technical procedures for waiver through surveys of semi-structured interviews and unsystematic observation. After analysis, it was concluded that the environment of agritourism in Santa Rosa de Lima region and allows the development of commercial tourism activities in the rural environment, but without fostering the usual implications of intensive usage and social exclusion.

Keywords | Tourism system, Tourism planning, Community based tourism.

* **Doutorando em Turismo, Lazer e Cultura** na Universidade de Coimbra. **Professor** na Universidade Federal do Piauí e **Bolsista** CAPES.

1. Introdução

O ser humano ao longo da sua existência tenta compreender a tudo que está a sua volta, a natureza, o relevo, o espaço, entre outros elementos que compõe o mundo em que vivemos, percebendo as dinâmicas e interações existentes. Neste contexto de aprendizado, identifica-se uma série de problemas no processo de aprender o mundo, principalmente aquelas relacionadas com o ambiente social, como: a descontinuidade do aprender ao longo do tempo e conseqüentemente a perda de conhecimento, a tecnologia de aprendizado nem sempre bem compreendida e, também, os interesses individuais e seletivos do homem.

Auxiliando nesta reflexão inicial, Capra (2002) apresenta três dimensões a serem consideradas na compreensão das dinâmicas sociais: o padrão de organização social, o padrão de estrutura e o padrão do processo. Na forma de se organizar socialmente vigora uma configuração promotora da inter-relação entre os partícipes do sistema social, já a estrutura aproveita-se destas relações incorporando-as e, por fim, o processo proeminentemente formado pela cognição e *autopoiese*. Esta é a definição da vida proposta por Capra (2002) no livro.

Portanto, propõe-se, neste artigo, discutir as transformações do modo de vida no ambiente rural sob o ponto de vista da atividade turística concebida como um sistema aberto e dinâmico, enfatizando os processos de inovação, planejamento e valorização da vida no campo. Para tanto, objetiva-se, na discussão proposta, abordar o caso do projeto de agroturismo 'Acolhida no Campo' no município de Santa Rosa de Lima em Santa Catarina – Brasil, o qual destaca-se na iniciativa de promover no ambiente rural a revalorização das atividades rurais através da perspectiva do turismo de base comunitária, ou seja, perpetuar os modos de fazer do homem do campo por meio da interação comercial entre turistas interessados na vivência do rural e o pequeno agro-pecuarista¹ associado em rede.

Sendo assim, compreende-se que a presente pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, pois tem como finalidade esclarecer conceitos e ideias referentes ao tema turismo de base comunitária. É exploratória, tendo em vista a familiarização que proporciona do fenômeno socioeconômico do agroturismo e, também, descritiva, pelo fato de a pesquisa caracterizar a população estudada, verificando dados pertinentes à composição e ao desenvolvimento do argumento principal do trabalho (Selltiz, Jahoda, Deutsch & Stuart, 1974). Em consonância com a característica da pesquisa, percebeu-se a necessidade de estruturar as atividades de investigação sustentando-se numa perspectiva qualitativa, porque já existem dados suficientes e atuais sobre o agroturismo no território proposto e, portanto, permite ampliar a compreensão às variáveis que influenciam no caso estudado e que não são passíveis de serem contabilizadas. Desta forma, os instrumentos de coleta de dados utilizados foram as pesquisas bibliográficas, documental e estudo de caso. Sendo que, os procedimentos técnicos adotados foram o inquérito por entrevista semiestruturada e a observação assistemática.

Considerando a amplitude do universo da pesquisa, limitou-se a investigação aos associados da Associação de Agroturismo da Acolhida na Colônia (AAAC), percebendo ser relevante inquirir, no ano de 2012, a diretoria da associação (Coordenação Geral e Vice-coordenação), assim como alguns agropecuaristas mais antigos no projeto de agroturismo (três propriedades rurais do município de Santa Rosa de Lima) e técnicos da Acolhida na Colônia (três mais antigos). Esta escolha foi a opção mais adequada para evitar as variáveis parasitas, as quais tornariam o trabalho de recolha e análise dos dados mais extenso e com menor foco.

¹ Compreende-se, nesta pesquisa, como 'pequeno agro-pecuarista' o proprietário rural de porções de terra agricultáveis e/ou que exerçam a pecuária com mão-de-obra essencialmente familiar e que não excedam, preferencialmente, a uma área contínua de terra de 100 hectares.

Portanto, compreende-se que o inquérito por entrevista semiestruturada proporciona liberdade ao entrevistador e “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (Trivinos, 1987 p. 152).

Outro procedimento técnico utilizado foi a observação assistemática, pois entende-se que o uso dos sentidos na obtenção dos dados seria determinante para a definição de alguns aspectos da realidade estudada. Sendo assim, caracterizou-se como assistemática pela entrevista e recolha de informações e dados não ter sido realizada em ambiente totalmente controlado e roteirizado (Silva & Menezes, 2001).

Para análise e tratamento dos dados e informações optou-se pelo método de análise de conteúdo, tendo em vista as características das ferramentas e procedimentos técnicos utilizados na recolha. Segundo Bardin (1977, p.160) a análise de conteúdo,

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Demo (1988) corrobora com esta ideia, complementando-a na compreensão de que é o método mais recomendado e utilizado em pesquisas qualitativas.

A escolha do objeto de pesquisa, intitulado ‘Acolhida na Colônia’, justifica-se, pois atende algumas prerrogativas iniciais que despertaram o interesse pela investigação do agroturismo da região, como: é um projeto desenvolvido em rede de colaboração, tem características de turismo de base comunitária e

a dinâmica do projeto, também, permite uma análise através do ponto de vista sistêmico².

Portanto, objetivando uma melhor compreensão do fenômeno e objeto de pesquisa estudados, estruturou-se o presente trabalho em três fundamentais partes para destacar as principais teorias e conceitos que sustentam os argumentos desenvolvidos no estudo do caso, uma descrição e análise detalhada do caso estudado e, por fim, uma conclusão unificando-se os conhecimentos de base teórica com as análises realizadas.

2. Considerações iniciais sobre o turismo de base comunitária

Há muitos anos, principalmente nas últimas três décadas, os vários veículos de divulgação de informações com base científica e de senso comum disseminam uma perspectiva de crescimento e de alternativa de desenvolvimento através das atividades componentes do sistema turístico. No Brasil não é diferente, esta visão de ‘salvador da pátria’ fez da atividade turística um alvo fácil dos discursos políticos, porém sem muitos resultados efetivos devido a multiplicidade e interdisciplinaridade de conhecimentos e ao nível elevado de complexidade do próprio sistema turístico.

Os atores envolvidos no processo de planejamento turístico, geralmente, mostram-se limitados na compreensão das dinâmicas envolvidas nas atividades ligadas ao turismo, pois as comunidades, quando relevadas, são analisadas sob a perspectiva econômica reducionista (privilegiando resultados econômicos de curto prazo sob os socioambientais de médio e longo prazos), dimensionando apenas a infraestrutura turística – acessos, estrutura urbana básica, equipamentos e serviços turísticos e de apoio – e recursos turísticos. Isto é, como mera comunidade receptora de fluxo turístico, muitas vezes decorada como ideal de vida aldeana (Grünwald, 2003, citado por Sampaio, 2007).

² Para este trabalho adota-se as concepções de sistema de Maturana (2001), Capra (2002) e Beni (2003).

Sendo assim, ao alijar-se do processo de planeamento a população do território receptor de visitantes, permite-se, equivocadamente, que as atenções permaneçam àqueles, externos a comunidade, que explorarão as atividades turísticas, através da apropriação da cultura e da paisagem integrante do território de interesse, condicionando o ambiente a essas vontades.

Para Coriolano (2006, p. 373), “o turismo não é diferente de nenhuma atividade capitalista, não é maldição nem bênção, é resultado das práticas políticas dos discursos hegemônicos e dos de resistência”. Neste ambiente, uma forma de proporcionar às comunidades a inserção no meio econômico do turismo e, desta maneira, conseguir competir com os grandes *players*³ do mercado turístico, é desenvolver as aptidões turísticas com um planeamento calcado no pensar o território em toda sua amplitude, principalmente na conservação do meio ambiente e na resignificação do espaço e cultura de forma participativa.

Portanto, o turismo deve ser estratégico para o desenvolvimento das comunidades integrantes do território, através do envolvimento comunitário na cadeia produtiva do turismo. Coriolano (2006) destaca que quando os interesses dos residentes são considerados, e estes incentivados à participação, permite-se a valorização e manutenção da identidade local, mesmo que em processo simultâneo de resistência e solidariedade.

É com base na compreensão da inserção social das comunidades receptoras na economia do turismo que surge, e a discussão sobre o tema vigora no meio acadêmico há alguns anos, a ideia do turismo desenvolvido pelas comunidades, através de processos de planeamento e comercialização de bens e serviços voltados para a satisfação do turista. Nesta perspectiva, alguns pesquisadores do fenómeno turismo, como Coriolano (2006), Bursztyn (2009), Sampaio (2007), entre outros, desenvolveram suas análises, considerando, por definição, que o turismo de base comunitária é “uma modalidade do turismo sustentável cujo foco principal é o bem-estar e a

geração de benefícios para comunidade recetora” (Bursztyn, Bartholo, & Delamaro, 2009, p. 86).

Sendo assim, o turismo de base comunitária não pode ser replicado, pois cada realidade das comunidades candidatas a receber turistas deve ser considerada no processo de planeamento, ou seja, garantindo a manutenção das características que as tornam únicas e atrativas aos olhares consumistas dos turistas, sem se tornarem objetos de produção e reprodução seriada como preconizado por Zaoual (2003, 2006).

Para Oliveira (1999, p. 203), “as resistências juntas com a capacidade de mudanças são mediadas pelos usos e costumes para determinarem a produção do espaço articulado entre o lugar, o nacional e o global”. Ao transformar o espaço real (Boullón, 2002) em um produto turístico, ou seja, vendável/mercadoria, surgem novas áreas de negócios relacionadas direta ou indiretamente com o turismo. Esse processo dinâmico traz mudanças sócio-espaciais, permitindo à atividade turística a possibilidade de ser o agente de resignificação do espaço, considerando os novos usos. Portanto, a percepção de que o espaço produziu quantidades substanciais de produtos, pode, numa primeira impressão, trazer a compreensão do surgimento de novas raridades. Aproveitando o raciocínio de Lefebvre (1976), entende-se que, mesmo na abundância inicial de produtos, o turismo no uso intensivo do espaço produzido ocasiona lentamente a escassez do espaço como mercadoria, evidenciando mais os interesses conflituosos e contrastantes.

É neste contexto que o turismo de base comunitária pode diferenciar-se, pois permite a resignificação do espaço, porém com uma menor possibilidade de descaracterizá-lo ao ponto de perder sua identidade inicial. Sendo assim, mantém-se as relevantes características que despertaram o interesse ao uso do espaço para fins turísticos, pois não o utiliza de

³ Considera-se neste trabalho, para fins de compreensão, que a palavra *player* significa competidor, participante, concorrente.

forma intensiva. Desta forma, os atrativos tendem a não se esgotarem e, portanto, não se produzem raridades, como a natureza, o ambiente rural, o verde. O turismo de base comunitária, neste sentido, mostra-se como um divisor de águas, principalmente no que tange o uso do espaço, pois, baseia-se numa relação dialética entre o turista e a comunidade receptora, não sobrepondo os desejos dos turistas aos anseios coletivos da comunidade (Sampaio et al., 2005).

Comunitário, no entendimento de Maldonado (2005), caracteriza-se por um sujeito coletivo, que se apresenta com direitos e deveres, composto pela adesão voluntária, sejam indivíduos ou famílias, ou de viver uma territorialidade comum. Sampaio (2005) reforça afirmando que o turismo comunitário é uma estratégia de comunicação social, a qual possibilita que experiências de planeamento que visem o desenvolvimento comunitário, possam efetivar-se através das vivências que a atividade turística pode proporcionar. Neste sentido, exalta-se a percepção de Coriolano e Cruz (2003) que delimita o turismo comunitário como aquele que, desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar, permite que os autóctones passem a ser os articuladores da cadeia produtiva, onde a renda e a lucratividade permanecem na comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida local.

O atual panorama das relações económicas e sociais no mundo permite o entendimento de que a sociedade em rede, propagada por Castells (2007), somente poderá desenvolver-se sustentavelmente quando admitir a participação ativa de todos os participantes da cadeia produtiva, pois o que se vê é uma maioria passiva frente a presença diretiva de uma minoria dominadora economicamente, sendo ambos suscetíveis as influências geradas pelo sistema e por eles. É neste sentido que o turismo comunitário insere-se como uma das formas que se identificam com desejo democrático da coletividade de superar a má distribuição de renda, o baixo nível de educação formal, e contribuir para a experiência e busca da vivenciabilidade no turismo.

3. A conceção sistêmica do turismo: A teia de relações

Ao longo de um pouco mais de um século, a humanidade vem percebendo o processo contínuo, e mais intenso, de mudanças significativas – provocadas pelo desenvolvimento e adoção de novas tecnologias, novas estruturas sociais que promovem uma transformação cultural e económica. Esta percepção sustenta-se na compreensão de que o mundo dinamiza-se a partir das relações dos grandes grupos empresariais, dos fluxos financeiros, do meio ambiente natural e cultural, dos governos e dos povos, cuja configuração se representa numa rede que permite que influenciem e sejam influenciados de forma não-linear. Entretanto, compreende-se, principalmente a partir de estudos, sustentados na teoria sistêmica, como os de Castells (2007), Capra (2002), Santos (2001), Sessa (1983), Beni (2003) entre outros, que esta complexidade nas relações e a nova dinâmica mundial, perceptível pós-revolução industrial, provoca processos de desintegração social, deterioração mais rápida do meio ambiente natural e uma elevação da taxa de pobreza. Tal perspectiva é considerada, a partir do contexto capitalista da globalização, irreversível para os membros dessa sociedade em rede (Castells, 2007).

Em relação ao turismo, o discurso, em grande parte na literatura, apresenta-se como uma área que, pela via económica e ambiental, pode proporcionar um desenvolvimento mais responsável e menos agressor, contemplando as necessidades sociais e culturais. Porém, na prática, em alguns destinos turísticos os resultados se dão na via contrária, ou seja, as atividades turísticas, em conjunto ou isoladamente, provocam na localidade receptora impactos que, por vezes, mostram-se como limitadores do desenvolvimento mais democrático e sustentável, princípios básicos do turismo de base comunitária.

A rede de relacionamentos, que dão origem ao entendimento do turismo como sistema, é definida por Beni (2003) a partir de três grandes conjuntos: relações ambientais, organização estrutural e ações

operacionais, bem como os elementos constitutivos básicos e funções primárias atuantes em cada conjunto e em interação no sistema total. Ou seja, todos os elementos do sistema trocam energias entre si, buscando a interação para atender um objetivo comum, o de manter o sistema dinâmico. Na explicação de Beni (2003), os componentes dos três conjuntos, individualmente, podem ser considerados como subsistemas, pois apresentam funções próprias e específicas.

Nesta perspectiva as relações ambientais do sistema de turismo apresentam-se na interação dos elementos constitutivos dos subsistemas ecológico, econômico, social e cultural, onde, hoje, verifica-se uma interferência dominante das dinâmicas do subsistema econômico, o qual influencia e é influenciado pelas consequências das ações empreendidas. Corroborando com este raciocínio, Coriolano e Cruz (2003), Barreto (2004), Sachs e Vieira (2007), entre outros, observam as repercussões das ações de caráter econômico, compreendendo que estas provocam perturbações que alteram as dinâmicas dos outros subsistemas e, conseqüentemente, influenciam nas futuras ações de cunho econômico. Portanto, as relações ambientais do sistema de turismo produzem dinâmicas que podem, na não igualdade de forças, atingir os objetivos específicos de um subsistema em detrimento do prejuízo dos demais, característica advinda da individualidade do subsistema.

Numa análise mais prática, percebe-se que a natureza das forças dos componentes do sistema são variáveis e atendem, por vezes, os interesses de um conjunto de elementos, ignorando que todos são interdependentes e que num determinado espaço de tempo os benefícios e/ou prejuízos poderão influenciar a todos. Esta percepção se faz presente na relação entre interesses econômicos e objetivos de conservação da natureza, a qual apresenta-se, no turismo, quando em desequilíbrio, como um processo de deteriorização progressiva, tornando sempre mais oneroso a manutenção do sistema.

Neste sentido, o turismo comunitário, nas relações ambientais, mostra-se não apenas como uma

atividade produtiva, mas como uma alternativa de desenvolvimento comunitário que permite o acesso aos mecanismos de produção e bens de consumo do turismo, além de ressaltar o papel da ética e da cooperação nas relações sociais. Sendo assim, proporciona a valorização dos recursos disponíveis no território, estabelecendo relações específicas e gerais com agentes externos a comunidade, destacando-se os turistas. Sampaio e Oyarzún (2006, p. 6) expõem que:

Ambos (visitantes e comunidades receptoras) considerados agentes de ação socioeconômica ambiental que devem repensar as bases de um novo tipo de desenvolvimento, regulando padrões de consumo e estilos de vida, e de um conjunto de funções produtivas e sócio-ecológicas, regulando a oferta de bens e serviços e seus impactos ambientais.

Portanto, a trama que delinea o sistema turístico é dual e complexa, pois sempre apresenta uma grande diversidade de relações entre os elementos constitutivos que produzem ações e intervenções que implicam na influência na dinâmica do próprio sistema, caracterizando-se como não-linear, isto é, as experiências tendem a não se repetir na mesma forma e intensidade.

O turismo, partícipe do sistema capitalista predominante, caracteriza-se como atividade econômica na sua individualidade e busca pelo lucro, permitindo a compreensão de que o turismo de base comunitária tende a um senso de convivencialidade. Illich (1976, p.25) destaca que por convivencialidade compreende-se como a antítese da produtividade industrial e diz: "a passagem da produtividade para a convivencialidade é a passagem da repetição da carência para a espontaneidade".

Concebendo-se o turismo como de base comunitária, proporciona-se uma mudança no paradigma capitalista vigente no turismo, pois insere-se como prerrogativa a alteração nos objetivos principais, ou seja, enfatiza-se o senso comunitário, coletivo, ao invés do individualismo, propiciando o aparecimento

dos socioempreendimentos e propõe a intensificação das relações sociais e ambientais na busca de um lucro compartilhado.

4. Estudo de caso: uma análise da rede de agroturismo acolhida na colônia

O presente trabalho, no seu objetivo, se propôs a analisar uma rede de agroturismo, na perspectiva sistêmica de Capra (2002), em três partes: o padrão de organização social, o padrão de estrutura e o padrão do processo.

Desta forma, aborda-se o caso da AAAC, apresentando a dinâmica da rede de cooperação a partir da compreensão das características do turismo comunitário e suas divergências ao modelo de turismo de massa. Sendo assim, entende-se por turismo de massa as atividades turísticas que geram grandes volumes de deslocamento de pessoas e que “comprometem as condições sociais, prejudica as condições ambientais e descaracteriza as heranças culturais de comunidades tradicionais” (Bursztyn et. al., 2009, p. 77).

4.1.0 padrão de organização social do agroturismo promovido pela AAAC

A AAAC nasceu em 1998 de uma necessidade percebida no âmbito social das comunidades agrícolas da região Encostas da Serra Geral no Estado de Santa Catarina-Brasil, ou seja, identificou-se que, pela falta de oportunidade e pela incapacidade da região gerar o número de postos de trabalho, a população estava diminuindo no número de indivíduos em virtude da migração de jovens e trabalhadores para outras regiões do Estado e do país. Sendo assim, o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) e a Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) reuniram-se iniciando, a partir do encontro, o incen-

tivo ao desenvolvimento da agricultura vinculada com algumas atividades turísticas, como: hospedagem, restauração, animação, ecoturismo e turismo de saúde – águas termais.

O padrão de organização social tem como raízes as características culturais trazidas pelos imigrantes de origem alemã, italiana e açoriana, os quais fixaram-se nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente a sociabilização dava-se em torno das culturas agrícolas com destaque para a produção do milho e abóbora, além da mandioca e batata-doce que eram destinadas em parte para a engorda dos suínos. Neste início da fixação das famílias quase não havia divertimentos, sendo identificados apenas eventuais bailes comunitários e jogos de bar, como: o solo velho, o suick, tressete e o quatrilha (Dall’alba, 1973).

Hoje, após a criação da AAAC, a organização social e as ações das famílias neste ambiente são dirigidas por um código de ética, externado através do ‘Caderno de Normas’, tácito na percepção das relações sociais e explícito quando envolve as ações dos agropecuaristas na AAAC.

Júnior (2006), no estudo sobre o turismo rural ético, destacou na fala dos agropecuaristas as transformações no cotidiano em Santa Rosa de Lima, devido o advento do agroturismo, sistematizando-as, conforme evidenciado no quadro 1.

No intuito de se obter mais informações e a verificação da percepção sobre as transformações no ambiente rural obtidas por Júnior (2006), inquiriu-se, no ano de 2012, os agropecuaristas de três, entre as primeiras, propriedades associadas a AAAC, resultando num quadro comparativo (Quadro 2).

Portanto, percebe-se nas falas dos entrevistados que as transformações obtidas através do agroturismo são positivas à vida no campo, principalmente ao que tange a integração familiar e a manutenção do homem no campo.

Entende-se, também, que as atividades geridas pela AAAC, a qual se mantém em constante ligação com as ações da AGRECO, concebe o agroturismo na região oriundo de uma mudança na forma das rela-

Quadro 1 | Transformações com o agroturismo

Expressões chave identificadas nas falas dos agropecuaristas	Ideias Centrais
<p>Aproveitamento de espaço Preenchimento do vazio Nova ferramenta de renda Reorganização da propriedade Preocupação com o saneamento Investimento no futuro Dificuldade no início Estrutura mais completa Custo alto da infraestrutura Visão comercial da atividade turística Conhecimento e valorização Família mais unida Melhores condições financeiras Respeito ao ambiente Possibilidade de exercer o paisagismo com plantas nativas Complementação de renda como turismo e com a venda dos produtos Planos de expansão Turista muito diferente do comum, muito família, pessoas com quem podemos fazer trocas e amizade</p>	<p><i>Transformações espaciais</i></p> <p>O agroturismo possibilitou um aproveitamento dos espaços, gerando uma nova fonte de renda através da reorganização da propriedade.</p> <p>O desenvolvimento da atividade é um investimento no futuro, mas que trouxe preocupações com o saneamento, com as infraestruturas e o gerenciamento da atividade com créditos, custos e dívidas.</p> <p><i>Transformações pessoais</i></p> <p>O agroturismo trouxe valorização e conhecimento diversificado, unindo a família e possibilitando uma melhor condição financeira através do turismo e da venda de produtos.</p> <p><i>Transformações da visão sobre o turista</i></p> <p>O turista é visto como alguém como ele, com família e merecedor de amizade.</p>

Fonte: Júnior (2006).

Quadro 2 | Percepção das transformações com o agroturismo

Expressões chave percebidas a partir das falas dos entrevistados	Ideias Centrais
<p>Melhores condições de vida Retorno as atividades agrícolas Família unida e trabalhando na propriedade rural Perspectiva de futuro para os mais jovens Preocupação com a conservação e preservação do ambiente Ajudar as pessoas da cidade com alimentos saudáveis Mais infraestrutura Diversificação da renda pelo turismo Aquisição de conhecimento de novas técnicas de cultivo e de comercialização Turismo no ambiente rural vale a pena Turista exigente por experiências do campo Integração entre o turista e a família</p>	<p><i>Transformação do território</i></p> <p>Devido a melhores condições de vida e ampliação da infraestrutura, as famílias das propriedades rurais retornaram para as atividades do campo e com uma perspectiva de futuro para os jovens agropecuaristas.</p> <p>Percebem que a conservação e preservação são práticas que manterão as atividades do campo e agroturísticas no futuro com a mesma qualidade atual.</p> <p><i>Transformações pessoais</i></p> <p>Percebem que ajudam os turistas da cidade a conhecerem e consumirem os alimentos saudáveis, através do turismo. Uniu as famílias em torno do agroturismo.</p> <p><i>Transformações da percepção sobre o turista</i></p> <p>Entendem que o turista deseja obter experiências diferentes da que tem na cidade, através da proximidade com os afazeres do campo, desejando integrar-se ao ambiente rural.</p>

Fonte: Elaboração própria.

ções sociais e no trabalho, pois a interação passou do âmbito comunitário para o contexto maior e mais complexo do turismo, representado nas relações com os visitantes. Outro fator que determina este processo de mudança é o trabalho, passando do cultivo de lavouras mantidas com agrotóxicos para lavouras

orgânicas, além do aumento de atividades no meio rural, principalmente as ligadas com o turismo, com advento do agroturismo.

Capra (2002, p. 205) alerta que:

(1) Esgotando nossos recursos naturais e reduzindo a biodiversidade do planeta, rompemos a própria teia

da vida da qual depende o nosso bem-estar; prejudicamos, entre outras coisas, os preciosos 'serviços ecossistêmicos' que a natureza nos fornece de graça - o processamento de resíduos, a regulação do clima, a regeneração da atmosfera, etc. (2) Esses processos essenciais são propriedades emergentes de sistemas vivos não-lineares que só agora estamos começando a compreender, e agora mesmo estão sendo seriamente postos em risco pela nossa busca linear de crescimento econômico e consumo material.

Portanto, na contramão do capitalismo voraz, que prima pelo individualismo, observa-se que a atividade comercial do agroturismo não objetiva apenas o lucro por si só, mas a troca de experiências de conhecimentos com os visitantes. Portanto, se oportuniza ao turista a vivência dos valores presentes no ambiente rural com o turismo comunitário, como o caso do agroturismo gerido pela AAAC, possibilitando ao olhar do turista o sentido de solidariedade comunitária.

Esta organização social dos agropecuaristas mantém-se duradoura, não só pela assimilação dos princípios norteadores do agroturismo com características de turismo comunitário, mas também pela gestão compartilhada promovida pela AAAC, sendo um elemento fundamental das dinâmicas sociais.

4.2.0 padrão de estrutura do agroturismo promovido pela AAAC

Ao conceber o turismo comunitário como uma atividade comercial, porém caracterizada pelo lucro compartilhado e objetivado na experiência e vivencialidade, percebe-se uma concordância com as ideias de Capra (2002), as quais apresentam (Figura 1) uma alternativa para o melhor aproveitamento do meio ambiente, congregando no uso do espaço valores éticos, educação ambiental e uma visão sistêmica de mundo.



Figura 1 | Alternativas para o melhor aproveitamento do meio ambiente.

A AAAC, aproveitando-se da forma das relações sociais no meio rural da Encosta da Serra Geral, adotou uma estrutura organizacional que reflete a representação do sistema social vigente na região.

Sendo assim, a AAAC congregou a partir de sua estrutura uma proposta de parceria entre as entidades representativas no intuito de formar uma rede de agroturismo (Figura 2), a qual se mantém intimamente ligada ao modelo francês da associação francesa de agroturismo *Accueil Paysan*.

Sendo assim, entende-se que o processo de assimilação da organização social, compreendendo a inter-relação entre os partícipes do sistema social da região da encosta da Serra Geral, gerou uma estrutura que passou por mudanças até chegar ao formato atual, o qual permite o desenvolvimento do agroturismo com características de turismo comunitário.

Este processo iniciou com a concepção da primeira edição da *Gemüsefest* em 1991, que tem como característica a valorização da cultura predominantemente alemã, promovendo uma aproximação entre os moradores que haviam deixado o município de Santa Rosa de Lima e aqueles que permaneceram, fortalecendo novas parcerias.

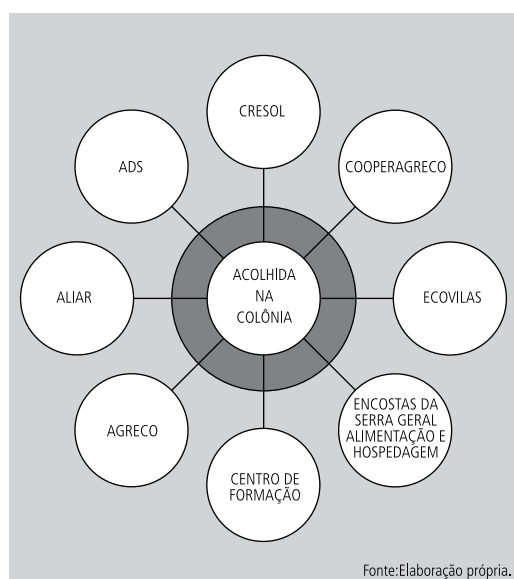


Figura 2 | Estrutura em rede com gestão da AAAC.

Já em 1996, após um período de aprendizado em seminários e cursos, um grupo de agricultores passou a suprir os supermercados da cidade de Florianópolis em Santa Catarina com produtos agrícolas cultivados sem agrotóxicos e adubos sintéticos, caracterizando o início da agricultura orgânica na região. Neste período as famílias envolvidas no projeto de agricultura orgânica formaram a AGRECO, objetivando uma representatividade maior e enfrentarem as dificuldades econômicas comuns.

A partir da AGRECO os agricultores reestruturaram suas propriedades, adaptando-se ao novo modelo de produção agrícola, envolvendo as experiências das famílias partícipes, inserindo a mulher no contexto estratégico das atividades de produção e nas decisões familiares, além da promoção da revalorização da identidade rural com as possibilidades de uma economia sustentável que implicasse num novo contexto de relações sociais.

Com a experiência da AGRECO surgiram novas associações, como: a Cooperativa de Crédito Rural, ECOVILAS, entre outras, as quais desenvolvem atividades convergentes aos objetivos e regras estipuladas no âmbito da AAAC.

4.3. O padrão de processo promovido pela AAAC

Na visão de Capra (2002), o padrão de processo é proeminente formado pela cognição e auto-poiese. Sendo assim, ao analisar a AAAC percebe-se, mais evidentemente, a transformação do conhecimento da concepção individualista para um contexto em rede e inter-organizacional, conforme preconizado por Nonaka e Takeushi (1997) e caracterizado na figura 3.

Sendo assim, o padrão de processo promovido pela AAAC no contexto da gestão da rede de parcerias e compartilhamento em agroturismo, propõe uma dinâmica que permite aos participantes da rede, que detêm o conhecimento individual e tácito,

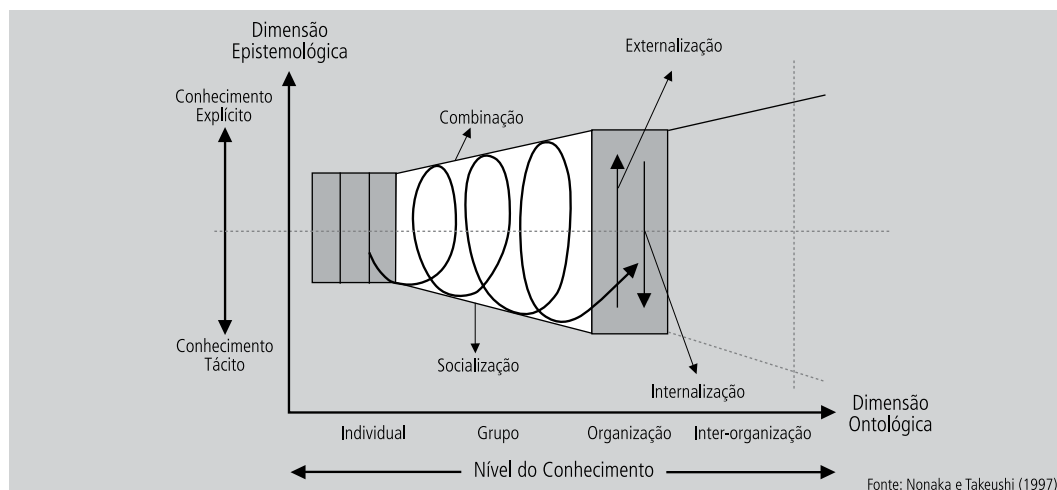


Figura 3 | Espiral do Conhecimento de Nonaka e Takeushi.

em explicitarem e compartilharem, transformando em conhecimento de grupo e em um processo de espiral evolutiva.

Para Choo (2003) há quatro maneiras de conversão do conhecimento:

1. Pela socialização onde, no caso da AAAC, os indivíduos partilham experiências, adquirindo conhecimento tácito.
2. Pela exteriorização que, pelos técnicos da AAAC e instituições parceiras, traduz-se o conhecimento tácito dos agropecuaristas em conceitos explícitos.
3. Pela combinação de conhecimentos explícitos provenientes de várias fontes.
4. Pela internalização, onde todos que participaram do processo de construção do conhecimento incorporam o conhecimento explícito ao conhecimento tácito.

Segundo a direção da AAAC, os associados e partícipes da rede de agroturismo interferem na construção do conhecimento nas esferas do turismo e da agricultura orgânica, pois, através das experiências nas propriedades e da vivência comunitária, num relacionamento sinérgico entre conhecimento tácito e explícito, permitem-se a trocas de infor-

mações gerando novos conhecimentos a partir dos processos sociais existentes, ou seja, fazem do ambiente comunitário a força motriz da geração de conhecimento para a melhoria das técnicas de produção e comercialização dos produtos e serviços ofertados ao mercado.

5. Conclusão

Com a proposta inicial de se estudar as transformações do modo de vida no ambiente rural sob o ponto de vista da atividade turística concebida como sistema aberto e dinâmico, o presente trabalho desenvolveu uma análise do sistema do projeto de agroturismo da AAAC, percebendo questões como: os processos de inovação, caracterizados na mudança da produção agrícola com técnicas sustentadas em defensivos agrícolas e adubos sintéticos para um paradigma orgânico de produção e, ainda, a incorporação das atividades turísticas ao contexto do ambiente rural, proporcionando a experientiação e a vivencialidade dos turistas e população autóctone; verificou-se o planejamento e valorização da vida a partir do contexto social, o qual se caracteriza pela participação mais democrática e solidária.

Sendo assim, o ambiente do agroturismo em Santa Rosa de Lima e região apresenta-se sustentado no conceito de turismo comunitário, pois permite o desenvolvimento das atividades comerciais do turismo no ambiente rural, mas sem promover as raridades típicas do uso intensivo e nem a exclusão social, fazendo dos atores envolvidos partícipes no planejamento e decisões das ações da AAAC.

Na análise do caso do projeto Acolhida na Colônia identificou-se que este apresenta uma perspectiva sustentável para as atividades turísticas no campo, principalmente no que concerne ao objetivo do lucro compartilhado e do respeito ao meio ambiente, primordiais para o desenvolvimento do agroturismo a longo prazo.

No que tange as transformações do modo de vida no ambiente rural, a pesquisa revelou que as famílias, proprietárias rurais, antes da AGRECO e da AAAC, tinham dificuldade em se manter nas atividades agrícolas e não conseguiam fixar os mais jovens no campo, além de utilizarem técnicas de cultivo danosas ao ambiente e à saúde. Mas com a introdução de um novo paradigma rural, fundamentado na cooperação e na diversificação através da produção orgânica de alimentos e do agroturismo, os agropecuaristas perceberam a possibilidade de se rentabilizarem, revalorizando e resignificando o território.

Desta forma, os novos padrões de organização social, de estrutura, caracterizado em rede colaborativa, e de processo trouxeram aos associados da AAAC um contínuo desenvolvimento qualitativo do território e das vidas dos que interagem e integram o sistema de agroturismo.

Portanto, valendo-se da visão de Capra (2002) da vida, a atividade de agroturismo em bases comunitárias sustenta um ambiente democrático, calcado no compartilhamento e transformação do conhecimento, gerando, no caso da AAAC, uma espiral evolutiva e contínua para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do sistema social e do turismo no município de Santa Rosa de Lima e região.

Referências bibliográficas

- Barretto, M. (2004). Relações entre visitantes e visitados: Um retrospecto dos estudos socio-antropológicos. *Turismo em Análise*, 15(2), 133-149.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beni, M. C. (2003). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Ed. SENAC.
- Boullón, R. (2002). *Planejamento do espaço turístico*. Bauru: EDUCS.
- Bursztyn, I., Bartholo, R., & Sansolo, D. G. (2009). *Turismo de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem.
- Capra, F. (2002). *Conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Castells, M. (2007). *Sociedade em rede*. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Choo, C. (2003). *A organização do conhecimento: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: Editora SENAC.
- Coriolano, M., & Cruz, L. (Orgs.) (2003). *Turismo comunitário e responsabilidade social*. Fortaleza: EDUECE.
- Coriolano, L., & Neide M.T. (2006). Turismo: Prática social de apropriação e de dominação de territórios. In A. I. G. Lemos, M. Arroyo & M. L. Silveira (Eds.), *América Latina: Cidade, campo e turismo*. San Pablo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).
- Dall'alba, J. (1973). *O vale do Braço do Norte*. Orleans-SC: Edição do autor.
- Demo, P. (1988). *Ciência, ideologia e poder*. São Paulo: Atlas.
- Illich, I. (1976). *A convivencialidade*. Lisboa: Europa-América.
- Junior, M. (2006). *Turismo rural ético: O agroturismo em Santa Rosa de Lima*. Dissertação de Mestrado, Balneário Camboriú, UNIVALI.
- Lefebvre, H. (1976). *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes.
- Maldonado, C. (2005). *Pautas metodológicas para análise de experiências de turismo comunitário*. Genebra: Organização Internacional do Trabalho.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Nonaka, I., & Takeuchi, H. (1997). *Criação do conhecimento na empresa: Como as empresas geram a dinâmica da inovação*. Rio de Janeiro: Campus.
- Oliveira, C. R. (1999). Introduzindo o espaço do ócio. In A. L. Damiani, A. F. A. Carlos & O. C. L. Seabra (Orgs). *O espaço no fim do século: A nova raridade*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Sachs, I., & Vieira, P. (2007). *Rumo à ecossocioeconomia: Teoria e prática do desenvolvimento*. São Paulo: Cortez.
- Sampaio, C., Oyarzún, M., Souza, M., Cárcamo, C., & Mantovaneli, O. (2005). Arranjo socioprodutivo de base comunitária: Análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. *Revista de Negócios*, 10, 288-301.
- Sampaio, C. A. C., Oyarzún, E., Souza, M. S., Cárcamo, C., & Mantovaneli, O. (2006). *Arranjo socioprodutivo de base comunitária: Análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile*. In IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul, 7 e 8 de julho.
- Sampaio, C. (2007). Turismo como fenômeno humano: Princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática

- sob a denominação turismo comunitário. *Revista Turismo em Análise*, 18(2), 148-165.
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Editora Record.
- Selltiz, C., Jahoda, M., Deutsch, M., & Cook, S. W. (1974). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2.ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Sessa, A. (1983). *Turismo e política de desenvolvimento*. Porto Alegre: Uniontur.
- Silvia, E. L., & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação* (3ª ed.). Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Zaoual, H. (2003). *Globalização e diversidade cultural*. São Paulo: Ed. Publisher Cortez.
- Zaoual, H. (2006). *Nova economia das iniciativas locais: Uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: Ed. DPA.